

SOBRE EQUILÍBRIOS E EQUILIBRISTAS NA ESCOLA PÚBLICA

M.^a DÉBORA AVENDANO DE VASCONCELLOS SINOTI¹; Dr.^a CRISTHIANNY BENTO BARREIRO²

¹*Instituto Federal de Educação e Tecnologia Sul-rio-grandense – e-mail: debsinoti@gmail.com*

²*Instituto Federal de Educação e Tecnologia Sul-rio-grandense – e-mail: crisbbarreiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As preocupações e reflexões acerca da escola pública, relativamente ao seu papel, estão constantemente presentes, dentro e fora das instituições de ensino. Se por um lado as políticas públicas propõem o aumento da permanência dos estudantes na escola, de outro, os professores relutam quanto às intensificações do trabalho docente e às expectativas sociais relativas às suas atribuições. Assim, é pertinente pensar no papel da escola pública e do docente na contemporaneidade.

Neste trabalho, discutir-se-á: Qual a compreensão de escola pública expressa nas narrativas dos professores? A partir do objetivo geral de compreender a percepção dos professores sobre o papel da escola pública na sociedade contemporânea, tem-se como objetivos específicos identificar a compreensão de escola presente na fala de professores; analisar de que maneira estas compreensões articulam-se com a compreensão de educação presente em suas narrativas; e compreender as funções que os professores identificam sobre seu papel diante da escola e da sociedade.

Para lograr tal intuito, em um primeiro momento, realizou-se o “estado do conhecimento”, compreendido como uma pesquisa documental sobre os trabalhos que abordam o tema, utilizando um intervalo de tempo relativo aos últimos 10 anos. A seguir, construiu-se um referencial teórico acerca dos papéis assumidos pela escola. Da Modernidade até a contemporaneidade, apresentou-se algumas das formas de se ver a escola e fazer a educação, com o intuito de possibilitar um maior aprofundamento em diversas concepções de escola e educação, de estudiosos como Rousseau (2004), Foucault (2011), Bourdieu (1975), dentre outros.

Costa (2007) apresenta uma obra em que discute o futuro da escola. Para isso entrevistou diversos intelectuais brasileiros. A autora afirma que existem determinados conjuntos de discursos em que prolifera uma tese “profética” de desaparecimento da escola, sendo pertinente reflexão voltada aos rumos e possibilidades desta instituição, contradizendo os ideais de superação:

[...] “não estou defendendo a escola, [...] o que quero ressaltar é que ela está viva, ativa e se mantém como um lugar de realizações possíveis e desejáveis”. (COSTA, 2007, p. 20).

Passados alguns anos, Sibília (2012) escreve o livro intitulado *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão*. A partir de uma diferença de poucos anos entre as obras, evidencia-se um grande movimento dentro e fora das paredes escolares. A educação é garantida e obrigatória a todos pelo Estado, reafirmando os princípios da escola Moderna, porém estes mesmos princípios aparentam estar corroídos.

A autora refere-se a isso, afirmando que a instituição que costumava garantir o sucesso das outras instituições era o Estado. Porém, no momento atual, a

entidade que paira sobre todos parece ser o mercado, ou melhor, “o espírito do consumismo”, a ética empresarial. Nesta metamorfose, muitas escolas deixaram de ser disciplinares para ser prestadoras de serviço a certos tipos de clientes, “[...] agora se impõe a impressão vertiginosa de que cada uma deve lutar por sua própria carreira num contexto hostil e mutante”. (SIBÍLIA, 2012, p. 94).

Após essa breve introdução, dar-se-á continuidade, apresentando a metodologia utilizada, as análises e os resultados obtidos.

2. METODOLOGIA

A partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa (BÓGDAN; BIKLEN, 1994) (DENZIN; LINCOLN, 2006), de Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011), (RICOUER, 2010), (JOSSO, 2004), (BOLIVAR, 2002), de trabalho docente (NÓVOA, 1999) e de grupo focal (BARBOUR, 2009), apresenta-se a metodologia utilizada no estudo.

Inicialmente, foi escolhida a escola a ser utilizada como local para a realização da pesquisa. Após um primeiro contato com a equipe diretiva, foi aplicado um questionário piloto, objetivando escolher os sujeitos da pesquisa. O instrumento foi entregue aos professores da escola no início do dia letivo, com o acordo de entregarem no dia seguinte. Somente sete docentes preencheram e entregaram o referido material. Dentre estes, ao serem convidados para participar desta pesquisa, apenas três dispuseram-se.

Após contato prévio e assinatura do termo de consentimento, realizaram-se três encontros. O primeiro tratou-se de uma entrevista, individual, na casa de cada uma das professoras, na qual elas foram convidadas a narrar como tornaram-se professoras. No segundo e terceiro encontros utilizou-se a metodologia de grupo focal (BARBOUR, 2009).

O segundo e o terceiro encontros foram feitos nas dependências do IFSul, com as três docentes. No início de cada seção, foram apresentados slides que versavam sobre escola e educação. Após a apresentação de cada um, as professoras deveriam discutir sobre eles, livremente. Quando necessário, a pesquisadora, cujo papel neste contexto é o de mediadora, fazia perguntas ou estimulava as participantes. No primeiro encontro focal, os slides tinham o foco no tema educação, no segundo encontro, o foco era a escola. Todos os encontros foram gravados. Após as entrevistas e os encontros coletivos, os materiais foram desgravados, transcritos literalmente e analisados através da ATD (MORAES; GALIAZZI, 2011).

A partir daqui, apresentar-se-á as análises e conclusões do estudo.

3. COMPREENSÕES DOCENTES ACERCA DA ESCOLA E EDUCAÇÃO

Após a realização da entrevista narrativa e encontros focais, o *corpus* foi analisado, dando origem a diversas unidades temáticas que, posteriormente, juntaram-se em subcategorias e, por fim, originaram as categorias finais deste estudo, trazidas a seguir:

3.1 O tempo dentro e fora da escola: o que é educação?

Ao discutirem acerca de como entendem a escola e o papel docente, as professoras parecem perceber uma espécie de novo tempo. Relatam existir outra infância, diferente da forma como a vivenciaram, além de novas noções e práticas de constituição familiar e de produção de conhecimento e aprendizagem.

Para elas, há uma nova família, um “outro aluno”, e a escola está descolada dessas realidades. Entendem que o discente está à frente do professor em relação à informação. O professor deveria ser um mediador entre o conhecimento sistematizado e as informações obtidas pelo aluno. *“Uma coisa que eu penso assim, nós (ah), eu, a escola está no século passado, eles tão muito a frente¹.”*

3.2 Sistema escolar e de gestão: educação em tempos de Império

Segundo as professoras, acabam existindo diferenças entre o papel de dois tipos de instituição de ensino. A escola privada procura ensinar numa perspectiva mercadológica e de busca constante de resultados; a pública tenta salvar, educar numa perspectiva assistencialista, sob forças de leis, políticas públicas, estrutura socioeconômica e familiar. Elas relatam a percepção de que o professor pensa depender dele, os fracassos e avanços da escola pública, pelo fato de sentir-se sozinho, sem apoio da gestão escolar, enquanto no ensino privado, há uma gestão próxima, e que neste, os docentes não se sentem responsáveis pelo aluno; estão lá para ensiná-los e não educá-los. Também, por acreditarem que devem salvar o aluno carente.

De acordo com os relatos, as professoras percebem diferenciações entre um tipo de instituição e outro. A perspectiva docente é assistencialista e salvacionista de um lado e de outro, mercadológica. Moralista e humanista para uns, enquanto competitiva e de resultados, para outros.

3.3 O que é ser professor e o papel da escola: práticas possíveis

Ser professor é ser amigo, ético, apaixonado pela profissão, crer no aluno e ser um conselheiro. Todas essas características surgem nos relatos das entrevistadas, entendendo ser papel do professor resgatar o aluno, salvá-lo, deixando marcas através do exemplo. Devido às novas percepções de tempo e sociedade, outras concepções de família, de políticas públicas, a vida cotidiana do aluno está cada vez mais dentro das paredes escolares. À escola cabe lidar com isso e com uma educação cidadã, moral, da educação de um ser integral, não por escolha, mas por necessidade.

4. CONCLUSÕES

De acordo com as análises realizadas, a compreensão de escola pública das professoras, sujeitos deste estudo, é de uma escola que deva dar conta das desigualdades sociais. Escola que não somente ensine, mas eduque. A escola deve ensinar os conhecimentos sistematizados, educar para a cidadania, para as relações sociais, para a vida fora dela. Ensinar, segundo estas professoras, é lidar com as questões do conhecimento letrado, educar é relacionar tudo isso com o humano, em suas dimensões afetivas, morais e sociais. O papel do professor é salvar o aluno, educando-o e ensinando-o, em uma perspectiva assistencialista, no caso da escola pública, e tal perspectiva não é o ideal, mas o necessário, segundo as entrevistadas. O ideário de educador e não “ensinante” é o escolhido pelas respondentes. Sonho, esperança, porém, culpa e fracasso, permeiam as falas; solidão, percepção de falta de comprometimento de colegas e gestão, igualmente. O papel do professor é ainda auxiliar o aluno no entendimento desse novo modo de estar no mundo, mesmo que o próprio professor não entenda. O

¹ Fala de uma das entrevistadas.

papel da escola é de associar o ensino à vida, ainda que, segundo elas, isso não ocorra.

Dúvidas em relação ao que ensinar e como educar rondam as mentes docentes. Questões referentes à autoridade em sala de aula, frente ao aluno, necessidade de empenho profissional, gestão comprometida, formação docente e indisciplina discente assombram e atordoam os professores.

Neste momento, a marca, talvez mais forte, presente nas narrativas é a dicotomia entre essas influências e a percepção de descompasso escolar em relação ao “novo” tempo e o “novo” aluno. O professorado, assim como os discentes, procuram caminhos, saídas, gerando encontros e desencontros. Felicidade e infelicidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, N. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: COSTA, M. V. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Lamparina, p. 77-96, 2007.

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLIVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 2002. Disponível em: <http://redie.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em agosto de 2014.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CLANDININ, D.; CONNELLY, F. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, M. V. **A escola tem futuro?** 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introdução: a disciplina prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa quantitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAES, R.; GALLIAZZI, M.C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

NÓVOA, A (org.). **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIBÍLIA, P. **Redes ou Paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.